

## A VERDADE DO SER COMO ALÉTHEIA E ERRÂNCIA

Prof. Dr. João Bosco Batista

DFIME – Departamento das Filosofias e Métodos – Universidade Federal de São João del -Rei - UFSJ

**Resumo:** A verdade originária (*Alétheia*), tal como abordada por Heidegger, é a verdade do Ser, a clareira (*die Lichtung*) que possibilita clarificar e desvelar a originariedade instauradora do comum -pertencer de Ser e homem. A reflexão heideggeriana encontra-se no encaço da interpretação grega de *Alétheia*. A questão da verdade do Ser é problematizada pelo filósofo alemão no âmbito da hermenêutica ontológica. Deste modo, a retomada crítica do significado de *Alétheia* justifica-se como a pedra de toque que possibilita a compreensão do sentido do Ser e sua relação originária e essencial com o *Dasein* enquanto ser-no-mundo.

**Palavras-chave:** Verdade, Ser, Errância, Homem, História.

---

### Introdução

A verdade originária, tal como abordada por Heidegger, é a verdade do ser, a clareira (*die Lichtung*) que possibilita clarificar (des-velar) a originariedade instauradora do comum-pertencer de ser e homem.

A reflexão heideggeriana sobre o ser encontra-se no encaço da interpretação grega da verdade como *Alétheia*. A questão da verdade é problematizada por Heidegger no âmbito do que poderíamos nomear de hermenêutica ontológica. Esta investiga as palavras geradoras dos pensadores originários da Grécia arcaica, os pré-socráticos, buscando explicitar o sentido mais profundo que elas possam oferecer para a interpretação do ser. Deste modo, a retomada crítica que ele faz do significado de *alétheia* justifica-se como a pedra de toque que possibilita a compreensão do sentido do ser.

Pelo viés da interpretação da verdade, Heidegger coloca a questão da essência do ser ao falar em verdade e destino do ser. Certamente encontra-se em questão a possibilidade de compreensão do intrincado enigma do emaranhamento que há entre a questão do ser e a da essencialização do homem. É, portanto, por meio do tratamento da verdade que se deve considerar se e em que medida o ser (*wesen*) do 'ser' é em si a relação com o ser humano.

Heidegger em *O princípio da Identidade* (1957), pensa o ser em seu sentido primordial como "presentar". Afirma ele que o ser se apresenta ao homem, nem acidentalmente nem por exceção. Continua dizendo que ser somente é e permanece enquanto aborda o homem pelo apelo. Em seu outro trabalho *Sobre o problema do Ser (Zur Seinsfrage)* de 1956, o autor já havia afirmado que dizemos muito pouco do próprio ser, quando, dizendo o ser omitimos seu apresentar-se para o ser humano. Isto bem entendido quer dizer que na compreensão do ser como "presentar-se" encontra o ser do homem (*Dasein*) o seu lugar único e privilegiado de propiciar-lhe o advento enquanto apresentar. Presentar-se é sempre apresentar-se ao ser humano. O apresentar-se do ser é sempre um apelo dirigido ao ser humano, o único ente com a capacidade de ouvi-lo, por possuir a abertura como constitutiva do seu ser-aí.

## A verdade do ser como *Alétheia*

Heidegger esclarece o possível mal entendido que pode surgir da compreensão do ser como apresentar-se ao ser do homem. O equívoco que poderia ocorrer seria o de tomar a abertura (*geschlossenheit*) do ser do homem como o elemento determinante para a compreensão da verdade do ser (*alétheia*). A verdade, como está dito, não é do homem, mas do ser. Em relação à dinâmica própria da revelação do ser, o homem não desempenha “a função de sujeito transcendental” que tem o “poder das chaves para ‘abrir’ o verdadeiro e o não verdadeiro”<sup>1</sup>. Ao contrário do que pode parecer, “o homem só é na medida em que se mantém aberto para o ser”.<sup>2</sup> Vejamos como tal enunciado faz-se compreensível a partir de um aprofundamento do significado ontológico do termo *Alétheia*.

O sentido primordial de ser como apresentar-se já traz consigo o significado de algo que é ainda anterior: o velamento. Assim quando falamos do ser, falamos do “presentar como o velar-se que se iluminou”<sup>3</sup> A concepção grega de ser como apresentar encontra-se no seio do significado de *alétheia*. A questão do ser tem na significação grega de verdade (*alétheia*) o seu nascedouro. Isto é afirmado por Heidegger na frase: “o traço básico do próprio apresentar é determinado pelo permanecer velado e desvelado”.<sup>4</sup>

Por outro lado, não seria descabido afirmar que a noção grega de *alétheia* se concentra no âmbito da compreensão do ser como *to einai* (presentar-se). A concernência íntima que há entre os significados de *alétheia* e *einai* é possível devido à circularidade interpretativa da língua grega. Abordar o significado de *alétheia* é perguntar pela essência (*wesen*) do próprio ser. E perguntar pela essência do ser é buscar a sua própria verdade. Falar de *alétheia* é falar da verdade do ser, pois “no *einai*, apresentar-se, fala propriamente a *alétheia*, o desvelar-se”<sup>5</sup>. Ser (*einai*) é compreendido como “o que dá presença”.<sup>6</sup>

A ambivalência do jogo de tensões entre Ser e Aparência revela a essência também ambivalente da verdade (*Alétheia*). Ao próprio ser enquanto aparecer, pertence a aparência (*schein*). Diz Heidegger que “o ser, como aparência, não é menos poderoso do que o ser, como re-revelação e descobrimento (*unverborgenheit*)”<sup>7</sup>

## A essencialidade da errância

<sup>1</sup> NUNES. *Hermenêutica e Poesia...*, p. 80

<sup>2</sup> STEINER, George. *As idéias de Heidegger*. São Paulo : Cultrix, 1982, p. 109

<sup>3</sup> HEIDEGGER, Martin. *Alétheia*. Os pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1985, p. 126

<sup>4</sup> Op. cit., p. 126

<sup>5</sup> HEIDEGGER. *A Tese de Kant...*, p. 254

<sup>6</sup> Op. cit., p. 254

<sup>7</sup> Op. cit., p. 135

Se a verdade é des-velamento, este se compreende a partir do velamento, da não-verdade. A verdade é em sua essência o conflito original (*urstreit*) entre desvelamento e ocultamento, e a partir do conflito é que acontece a verdade.

O que se nos oculta é o ente em sua totalidade. Analisando uma frase de Heráclito: “*Physis kryptesthai philei*”, Heidegger a traduz como: “o aparecer que surge tem, em si, a inclinação para ocultar-se”<sup>8</sup>. Utilizando como chave de leitura o conceito de *alétheia*, o autor entende que toda revelação é um aparecer emergente que saiu do encobrimento. Por isso o encobrimento (o ocultamento) pertence à essência da verdade historial do Ser.

A não-verdade original, isto é, o velamento do ente em sua totalidade, é mais antigo do que toda a revelação de tal ou tal ente. Pergunta Heidegger: “O que preserva o deixar-ser nesta relação com a dissimulação?”<sup>9</sup>. O autor chama de *mistério* (*Geheimnis*) o velamento do ente como tal o que possibilita a relação da dissimulação com o deixar-ser (*Seinlassen*).

Heidegger busca justificar a existência do erro (*der Irrtum*) por meio da relação ek-sistente-insistente que constitui o *Dasein*. O homem in-siste ek-sistindo, agitando inquietamente de um objeto para o outro na vida cotidiana e desviando-se do mistério – isto é o errar. O homem erra, move-se dentro da errância. O ser do homem (*Dasein*) possui uma estrutura essencialmente ambígua, ele é ao mesmo tempo ek-sistência e in-sistência. Esta essência dupla do *Dasein* explica a errância como o caminho pelo qual a humanidade deve passar. Como Heidegger explica a estranha associação entre verdade e errância? Já em *Ser e Tempo*, o filósofo alemão havia ressaltado que “em sua constituição ontológica o homem é e está na não-verdade porque é em sua essência, de-cadente”<sup>10</sup>. A de-cadência não é primeiramente moral ou psicológica, ela é algo que pertence à constituição ontológica do *Dasein*.

Em sua *Introdução à Metafísica*, Heidegger retoma o tema do erro, ao apresentar a relação entre Ser e Aparência, conforme vimos anteriormente. O enfoque predominante na discussão desta questão é ainda o da perspectiva da *alétheia*: o Ser que ao revelar-se tende a esconder-se na Aparência (*Schein*). A aparência dissimula o ente e o faz aparecer tal como ele propriamente não é. A Aparência, além disto, encobre-se a si mesma, como aparência, posto que se mostra como Ser. Acrescenta Heidegger que “por dissimular essencialmente a si mesma, ao encobrir e dissimular o ente, que dizemos com razão: as aparências enganam”<sup>11</sup>.

Ora, se a Aparência já engana a si mesma, “pode ela enganar o homem e assim levá-lo a uma ilusão”<sup>12</sup>. O iludir-se é, diz Heidegger, “um entre muitos outros modos, em que o homem se move no tríplice mundo de ser, re-revelação e Aparência”<sup>13</sup>. Completa o filósofo sua reflexão, dizendo que o espaço que se expande nos limites da tríplice relação é o que ele chama de *error* (*irre*).

<sup>8</sup> HEIDEGGER. *Introdução à Metafísica...*, p. 140

<sup>9</sup> *Op. cit.*, p. 141

<sup>10</sup> HEIDEGGER. *Ser e Tempo...*, p. 290

<sup>11</sup> HEIDEGGER. *Introdução à Metafísica...*, p. 135

<sup>12</sup> *Op. cit.*, p. 135

<sup>13</sup> *Op. cit.*, p. 135

Assim, Aparência, engano, ilusão, error estão entre si em determinada relação de essencialização e processo. Eles existem como potências da existência humana.

Podemos chamar o conjunto dessas relações pelo nome de *errância*. A errância não é um acontecimento transitório, resultado de um comportamento defectível; “ela participa da constituição íntima do ser-aí a qual o homem historial está abandonado”<sup>14</sup>. Heidegger pensa o erro além da perspectiva da subjetividade, ele o pensa “dentro das coordenadas da historicidade, aqui, o erro se torna errância histórica”<sup>15</sup>. A errância encontra-se no cerne mesmo da história da verdade do Ser, isto é, de sua revelação e ocultamento.

A errância ocupa no pensamento de Heidegger sobre a essência da verdade, o lugar antitético da “antiessência fundamental que se opõe à verdade essencial”. Ela é “o cenário e o fundamento do erro”. Mas qual a dimensão do erro? Ela é mais ontológica do que lógica. O erro vai de um simples engano até o “desgarramento e o perder-se de nossas atitudes e nossas decisões essenciais”. A errância tem uma conotação ontológico-historial. Heidegger enfatiza a situação historial e existencial de errância que condiciona a humanidade e o ser-aí, com o termo “desgarramento”. O desgarramento é o nível mais profundo e mais grave da errância que nos ameaça. Ele representa a situação de decaída e impotência que sempre envolve o homem e o ameaça historialmente. O desgarramento é conexo com o esquecimento do mistério. A errância “é uma componente essencial da abertura do ser-aí”<sup>16</sup>. Vemos deste modo que o caminhar historial do homem é essencialmente errante. Isto se torna compreensível pelo caráter ontológico insistente ek-sistente do homem.

## Conclusão

Em tese, o que vimos é que o estudo sobre a errância como expressão da não-verdade ocupa um lugar privilegiado e imprescindível na análise da essência da verdade, compreendida como *alétheia*. Isto porque a não-verdade como velamento (originário da errância) pertence à essência da verdade enquanto desvelamento. O velamento (a não-verdade) é mais antigo do que toda a revelação do ente. Estamos diante do mistério da verdade que primariamente é dissimulação da dissimulação. A própria liberdade, como essência da verdade como conformidade da apresentação, deve ser compreendida a partir da ek-sistência insistente do ser-aí, ela mesma irrompe da originária essência da verdade, do reino do mistério da errância.

A errância (historial) não pode ser ignorada, ela nos pertence constitutivamente. É preciso ser assumida como tal, isto é, como esquecimento do mistério da *alétheia* (verdade do ser). Esquecer a errância, isto é, não levá-la a sério, é esquecer o esquecimento do mistério: a decisão enérgica pelo mistério se põe em marcha para a errância que reconheceu enquanto tal. Diz-nos

<sup>14</sup> HEIDEGGER. *Sobre a essência da verdade...*, p. 142-143

<sup>15</sup> BORNHEIM. *Metafísica e Finitude...*, p. 130

<sup>16</sup> *Id. Ib.*, p. 143

Heidegger no final do seu ensaio que a resposta à questão da essência da verdade está na posição: a essência da verdade é a verdade da essência.

### Referências Bibliográficas

- BORNHEIM, Gerd. *Metafísica e Finitude*. Porto Alegre: Movimento, 1972.
- HEIDEGGER, Martin. *Alétheia In Heráclito de Éfeso* (Coleção Os Pensadores – Os Pré-Socráticos) São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A tese de Kant sobre o ser*. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores), 1984.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo* (Parte I). Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a essência da verdade*. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores), 1984.
- NUNES, Benedito. *Hermenêutica e Poesia*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- STEINER, George. *As idéias de Heidegger*. São Paulo: Cultrix, 1982.